

A Grupanálise Oferecida a Crianças e Adolescentes¹

Cristina Perestrelo Vieira

Psicóloga Clínica; Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra;
Membro Candidato da Sociedade Portuguesa de Grupanálise e Psicoterapia Analítica
de Grupo.

Email: cristinaperestrelovieira@gmail.com

Resumo:

Apresenta-se um trabalho psicoterapêutico com grupos de crianças enraizado em conceitos grupanalíticos e no postulado do brincar como via de comunicação. Partilha-se uma experiência feita em Coimbra, em contexto hospitalar, de criação de psicoterapia de grupo com crianças de sete a doze anos de idade manifestando perturbações psicoafectivas várias. Pretende-se exemplificar as projeções observadas na situação ludoterapêutica de experiências sofridas em casa e na escola difíceis de integrar pelas crianças e as potencialidades do processo de grupo para elaboração de experiências traumáticas. Transparece o papel do Grupanalista, nomeadamente na função de refletir as diversas manifestações expressas pelas crianças, na de realçar a intercomunicação e na de encontrar ocasiões para sublinhar, reforçar, ou aprofundar a identidade de quem comunica.

Palavras-chave: Grupanálise, infância, ludoterapia, matriz, intercomunicação

Abstract:

A form of group psychotherapy with children is presented, rooted in groupanalytic concepts and the premise of play as a format of communication. The project described is implemented in a hospital setting in Coimbra, and addresses seven to twelve years old boys and girls signaled as suffering diverse psycho-affective disturbances. The article illustrates projections by the children in the play therapeutic situation revealing experiences encountered at home and at school which are difficult to integrate at the same time as the potentials for rehabilitation. It brings out the role of a group analyst in reflecting the various developments expressed by children, when enhancing intercommunication and emphasizing, reinforcing, or probing the identity of the communicating self.

Keywords: Group analysis, childhood, play therapy, matrix, intercommunication

¹ Adaptação de uma comunicação apresentada na SPGPAG, em Fevereiro de 2015.

Na definição do seu inventor, a Grupanálise é uma psicoterapia analítica de grupo baseada em “*aquilo que acontece quando*” um conjunto de indivíduos se encontra regularmente com um Grupanalista tendo como objetivo apenas a livre-comunicação (Foulkes, 1964/1984). Perfilha a constatação Freudiana da dinâmica do inconsciente (Freud, 1915/1953)², Também se baseia nos estudos de um cérebro social em evolução (Vygotsky/Luria), com a estruturação progressiva dos pré-símbolos organizadores da mente, e dos símbolos ou dos “pensamentos com que pensar”.

Na medida em que no intercâmbio entre os participantes são projetadas e refletidas múltiplas vivências correntes e/ou críticas, emerge uma realidade nova, uma configuração partilhada de vivências, designada a matriz de grupo (Cortesão, 2008) em que os significados pessoais dos intervenientes se vão manifestando com contornos identificáveis. Tratando-se de adultos comuns, o intercâmbio no grupo tem um formato verbal; no caso de adolescentes ou de crianças as vivências internas são transmitidas sobretudo não verbalmente, por mediadores simbólicos, plásticos ou lúdicos.

BRINCAR É COMUNICAR E DESENVOLVER-SE

A psicoterapia grupanalítica com crianças e adolescentes foi enquadrada no estudo do brincar e dos *passos do desenvolvimento* da comunicação (Leal, 1966), partiu da primeira “união-dual” com a mãe biológica para o intercâmbio alternado e das trocas múltiplas, caminhando para a estruturação do «Eu» assente na interação social sistémica (Leal, 1983).

A construção mental do bebé desde o nascimento e ao correr dos anos depende, entre outras coisas, de como ele pôde traduzir (tanto para si mesmo como para os outros) os dados brutos dos sentidos e dos impulsos e emoções em imagens que os representam e que os poderão regular. Tal processo de tradução ocorre na inter-relação do bebé com as figuras cuidadoras, nomeadamente, e num primeiro momento, com a mãe, da qual se espera capaz nas suas funções contentoras e de “*rêverie*” (Bion, 1962/1991). Ao oferecer-se como mãe suficientemente boa (Winnicott, 1975) para responder às necessidades do bebé, num processo de mútuo encontro, irá balizá-lo na transformação de sinais em signos, auxiliando-o num processo de criação de significados. À medida que cresce, tal padrão comunicacional vai sofrendo transformações dando origem à entrada de um terceiro (outra pessoa ou coisas), complexificando-se assim o processo de interação do bebé com o meio e os outros que o rodeiam (Leal, 2010).

² A análise de associações livres aos sonhos conduziu este neurologista, Freud, no caminho de uma elaborada aventura de interpretação da linguagem simbólica dos impulsos inconscientes - pressupostos para dar substância a significados não evidentes. A Grupanálise propõe um procedimento diverso para tradução das vivências emocionais em linguagem comum, partindo da observação dos diferentes formatos da relação interpessoal que ao correr do ciclo de vida constituem configurações complexas de significados vivos e narrados (Foulkes, 1971).

Na psicoterapia grupalítica com crianças o brincar assume-se como a principal via de comunicação, devendo ser entendido como o correspondente exato da comunicação (simbólica) verbal. Compreende-se o brincar como pré-palavra, uma área subjetiva intermédia entre a fantasia e a realidade, que conecta a realidade interna com a realidade externa e é indicador de mensagem que pretende ser reconhecida (Leal, 1994).

No brincar são projetados significados emocionais sobre as coisas e as pessoas. Utilizando material miniatura para criar na fantasia uma pseudorealidade, vão-se diferenciando a intuição de um «Eu» interno, ao mesmo tempo que são experienciadas as coisas externas,³ tanto quanto possível na presença de um interlocutor que mantém um intercâmbio fluente.

Em intercâmbio com pares, as crianças poderão vir a experimentar novas formas de ser e de se relacionar com os outros. Nos grupos, na medida em que venha a comunicar-se, cada uma poderá lutar por libertar-se de estereótipos e sequências repetitivas que foram internalizadas, assim desenvolvendo-se e aprendendo a lidar com confusões e conflitos que testemunhou no convívio com o mundo dos adultos.

A constante atividade lúdica das crianças desencadeada em psicoterapia grupalítica não deve ser confundida com “*acting out*”, ou mera descarga dos impulsos (Leal, 1994). Trata-se de proporcionar um campo de estruturação pré-consciente de experiências emocionais. O próprio processo de comunicação circular e recíproca, promovido através do recurso a técnicas como a repetição, o eco emocional, o nomear, a re-expressão, generalização entre outras, reforça a capacidade do brincar como processo de deferimento do impulso e de uma nova organização simbólica⁴.

EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DE UM GRUPO DE CRIANÇAS EM COIMBRA

Partia-se de uma situação de ludoterapia individual, desde Maio de 2011, para o que foi preciso estabelecer um novo contrato psicoterapêutico com os pais e imaginar uma nova sala de psicoterapia inserindo material facilitador da comunicação num contexto de interação múltipla, de modo a iniciar-se o grupo.

O objetivo prendia-se com a necessidade de criar um ambiente que despoletasse o intercâmbio espontâneo, mútuo e ressonante, livre flutuante (Ferro & Neto, 2011). As comunicações brincadas estabelecidas entre as crianças seriam reconhecidas como associações de grupo, não tendo apenas significado para cada indivíduo.

³ Os movimentos de vai-e-vem entre objetos no brincar das crianças **equacionam** configurações mentais, que podem representar partes da criança que saem dela e entram de novo nela, **moções** acompanhando a elaboração e organização de configurações mentais ou “metábolos” / pré-símbolos, como já Freud (1920/1955) notara no brincar “fort-da” do seu neto.

⁴ No entanto, e por vezes, principalmente em situações mais intensas e com crianças mais impulsivas, também acontece a necessidade de conter e travar alguma ação, lembrando a regra de “não magoar nem se magoar”.

Foram logo definidas as regras de funcionamento com as crianças, nomeadamente : brincarem juntas livremente ali com todo o material, mas sem aleijar, sem se aleijar ou ser magoado, embora fosse possível zangarem-se e falarem sobre isso. A outra regra foi que tudo o que se passa no grupo fica no grupo: *“é só nosso e não é para levar lá para fora”*.

A sala do grupo ficou constituída por uma mesa comprida no centro da sala, sobre um tapete, rodeada de 5 almofadas. Num canto, ao fundo, o quadro e o giz; do outro lado algum material lúdico e noutro canto da sala um lavatório e ao lado uma caixa para guardar os trabalhos. O material lúdico incluiu: A) uma casa grande com três andares, mobílias para mobiliar a casa e o espaço envolvente; B) um tapete onde está representada uma cidade com escola, igreja, parque infantil, correios, restaurantes, lagos, parque de merendas, estradas, etc.; C) carros comuns, carros de bombeiros, de polícia, ambulâncias, helicópteros, sinais de trânsito; D) animais domésticos; animais selvagens, répteis, animais aquáticos; E) dois conjuntos de soldados de plástico de cores diferentes, com os vários apetrechos bélicos utilizados em período de guerra; F) pequenas figuras humanas que representam três faixas etárias: os adultos, os filhos mais velhos, e os filhos mais novos, todos os elementos com a possibilidade de estarem ligados uns aos outros através de encaixes (seis figuras em cada família); G) folhas de papel em branco, barro para moldar, guaches, tintas, pincéis, canetas de feltro coloridas, lápis de cor, lápis de carvão, borrachas, apara-lápis, tesouras, plasticina, cola, fita-cola, etc.

EXEMPLO DE GRUPANÁLISE LUDOTERAPÊUTICA

Sessão de 21/5/2014 - Crianças presentes: Gonçalo, Ema, António, Raquel e Laura, acompanhadas pela psicoterapeuta (P.).⁵

Raquel dirige-se de imediato para o canto onde está o tapete das cidades e a casa, com as mobílias e os bonecos (Tal situação foi sentida pela psicoterapeuta, como uma espécie de retomar daquilo que se comunicava na sessão anterior, nomeadamente no momento da sessão em que todos estávamos sentados nessa zona da sala, a brincar com os animais, sinais de trânsito e árvores. A Raquel encontrava-se numa postura muito agressiva e insultuosa para com todos os outros do grupo, e apesar de lhe irem respondendo, nada parecia acalmá-la; até que passaram a ignorá-la. A Raquel continuava a provocá-los até que o António, a Laura e a Ema ficaram mesmo irritados e abandonaram a brincadeira, indo sentar-se para outro canto da sala. De seguida, o Gonçalo também abandonou a brincadeira e juntou-se aos outros. Foi nesta situação que a última sessão terminou, por ter chegado à hora).

⁵ Nomes fictícios. Idades compreendidas entre os 7 e os 12 anos.

Raquel pede várias vezes para P. ir para o seu lado brincar com ela e esta comenta que a Raquel parece estar a precisar da presença da Cristina na brincadeira das casas, mas que neste momento está na mesa a acabar uma coisa e já lá vai ter com ela. A Raquel não aceita o que P. lhe diz e exige que vá brincar com ela. A Ema oferece-se de imediato para brincar com ela e a Raquel automaticamente deixa cair a necessidade de ter P. ali com ela. Enquanto as duas vão mobilando a casa, a Laura vai encher um recipiente com água e espuma, para fazer algodão doce às cores, brincadeira que tem feito nas últimas sessões. O António e o Gonçalo andam de volta da Laura para lhe roubar espuma, divertidos com tal situação. A Laura oscila entre achar piada à brincadeira (rindo-se com eles), e momentos de zanga por eles estarem constantemente a roubar-lhe espuma. P. comenta isso mesmo e acrescenta que lhe parece que estas duas formas de reagir da Laura deixam o António e o Gonçalo confusos, pois não percebem se ela fica zangada a sério ou não.

Entretanto também o António e Gonçalo criaram os seus próprios recipientes com espuma e a Laura aproveita para também lhes roubar. Assim tentavam roubar e atirar espuma para cima uns dos outros, inclusive para cima de P., que ia ecoando o prazer de ficar por cima e a zanga de quem fica por baixo. Entretanto, o Gonçalo pede barro e a Laura pede guaches. P. comenta que hoje ainda não temos barro nem guaches mas que para a semana já os teremos, por isso hoje temos que brincar com o que temos. Ambos ficam um pouco tristes, mas rapidamente se voltam a centrar na brincadeira de colorir a espuma com as tintas que dispunham.

P. aproxima-se da Raquel e da Ema que se encontravam no outro canto da sala completamente empenhadas em criar um cenário. Na dinâmica delas claramente era a Raquel quem dominava e tomava as decisões acerca do que fazer ou onde colocar as mobílias, enquanto a Ema parecia assumir uma postura de sua colaboradora, se bem que por vezes parecia ficar um pouco aborrecida com isso, embora nada fizesse para mudar a situação. P. aproxima-se delas e ambas, contentes, convidam-na a ver a casa que estão a construir e a dar opiniões acerca dos sítios onde distribuir as mobílias. Numa postura de quem quer colaborar com o pedido, esta vai tentando sempre que sejam elas a decidir, estimulando-as a pensar alto acerca das questões colocadas e auxiliando-as basicamente a pensar acerca do que desejavam. A Ema começava a ficar impaciente com a meticulosidade da Raquel em distribuir as mobílias, referindo várias vezes *“despacha-te pois se demoramos muito tempo nesta parte depois já não temos tempo para brincar”*. No entanto, a Raquel mantinha-se muito concentrada em construir o espaço físico da casa, querendo os lugares perfeitos para construir um cenário perfeito: onde colocar o baloiço, o sofá grande, a cama e o guarda-fato, a cadeira de baloiço, etc. Apesar de P. estar fisicamente perto delas, a auxiliar a comunicação, vai também observando e acompanhando os outros. Apercebe-se de que a Laura entretanto abandona a brincadeira da espuma e vai buscar papel, iniciando a sua brincadeira típica, de atribuir uma personagem a um fio de papel e criar um cenário fantasioso, sozinha.

O Gonçalo ao aperceber-se deste movimento da Laura também abandona a brincadeira da espuma e vai buscar papel: enrola muito papel à volta da cabeça, ao ponto de ficar apenas com os olhos de fora. Nessa altura, P. chama à atenção para que ele não tape muito a cabeça, pois tem que respirar, e comenta que ele parece uma múmia. Todos se riem e a Laura foge dele, revelando algum medo. O Gonçalo contente com a projeção que lhe estavam a dar, corre atrás da Laura, levantando os braços no sentido de a assustar e ela foge, pedindo-lhe para parar e revelando medo. O António também foi buscar papel e tenta criar um chapéu, mas sem sucesso.

Nesta altura P. sente o grupo muito disperso, cada um na sua brincadeira, ela apenas a tentar observar e reconhecer empaticamente o que cada um fazia, e mantendo-se perto da casa onde a Raquel e a Ema brincavam.

A dada altura, a Laura, tão concentrada que estava na sua personagem de papel e na história que representava, sem querer, ao caminhar pela sala, dá um toque com o pé na casa onde brincavam a Ema e a Raquel, caindo algumas mobílias da casa ao chão. A Laura assusta-se e pede de imediato desculpa, enquanto a Ema e a Raquel reclamam para que esta tenha cuidado. A Laura faz uma cara triste e a Ema na sua postura maternal e protetora diz que não faz mal, pedindo-lhe apenas para ter mais cuidado. A Raquel continua a brigar com ela, chegando a insultá-la.

A Laura esboça uma expressão de grande ofensa e vai para outro lado da sala, tentando continuar a sua brincadeira. A Raquel continua a gritar para ela, insultando-a e ameaçando para que tenha mais cuidado da próxima vez que se aproximar da casa, assumindo assim uma postura autoritária e ameaçadora. A Laura, cada vez mais ofendida com aquela comunicação agressiva da Raquel, atira o seu pedaço de papel para o chão e zangada senta-se num canto da sala, cruzando os braços e ficando com um semblante muito triste de quem estava a sentir-se ofendida. P. comenta que ela parece ter ficado muito aflita com a zanga da Raquel e as coisas que esta lhe disse, e convida-a a partilhar com o grupo o que está a sentir. Mas ela abana a cabeça, expressando rejeição a qualquer comunicação. P. comenta que a Laura parece ficar tão aflita com a zanga que não consegue responder de volta. Acrescenta para todos: *“Como nos podemos defender quando os outros nos chateiam?”* Entretanto, e instintivamente, P. levanta-se do sítio onde estava, perto da casa e vai sentar-se ao lado da Laura, comentando que lhe parece que ela está muito triste com o que se passou com a Ema e a Raquel. A Laura comenta que está triste com a Raquel, com as coisas que ela disse. Num tom ameaçador, a Raquel comenta que se ela não quer ouvir essas coisas, então que não chateie os outros. A Laura ouve mas parece não valorizar tanto as palavras da Raquel, talvez por se sentir de certo modo protegida naquele movimento espontâneo da P. ter ido para o seu lado... P. comenta que a Raquel parece estar sempre muito zangada e a falar daquele modo. A Raquel responde que ela está enganada pois este é o seu modo normal de falar. P. pergunta para o grupo no seu todo, se esta será uma forma normal de falar. Todos dizem que sim e P. comenta num tom interrogativo:

“Acham esta forma de falar normal? Eu acho que só falamos assim quando estamos zangados”. O António comenta que acha que é a forma normal da Raquel, não a dele. A Ema abana a cabeça no sentido confirmatório, enquanto o Gonçalo e a Laura nada dizem.

O Gonçalo continuava na sua brincadeira de se enrolar em papel e a dada altura já não só tinha a cabeça enrolada em papel, como também tinha as pernas presas uma à outra, com correntes de papel, tendo dificuldade em andar.

O António ia atirando bolas de papel contra o Gonçalo e a Laura que, de vez em quando, batiam contra a casa e provocavam uma atitude de zanga na Ema e de raiva na Raquel. A dada altura P. apercebe-se que, na brincadeira das casas, a Raquel obriga a Ema a fazer algo que esta não concordava e esta (numa atitude de zanga pouco típica sua), atira a peça de mobília que tinha na mão contra o chão e diz que já não brinca mais com a Raquel, dirigindo-se para o lavatório para lavar as mãos. A Raquel olha para P. espantada, e esta comenta que a Ema parece ter ficado zangada com alguma coisa que a Raquel disse ou fez. Ela comenta que não foi nada, e de seguida chama a Ema, referindo que ela pode fazer como ela queria. A Ema volta a sentar-se ao lado da Raquel e continuam a brincadeira.

Entretanto o António senta-se ao lado da P. e tenta ver a casa, mas a Raquel rapidamente estica a mão contra o António e empurra-o para trás, dizendo num tom autoritário que ninguém pode ver. O Gonçalo imita o António e faz outro caminho por traz do quadro, para tentar ver a casa. A Raquel tenta entrar em guerra com eles, gritando para que parassem. P. sentiu a Raquel enredada em raiva como reação a uma brincadeira que parecia não ter sido assim tão ofensiva. Entretanto, o António começa a provocar claramente a Raquel, atirando-lhe bolas de papel para cima da casa, de modo a fazer cair as mobílias, bonecos, árvores e animais, que elas tinham distribuído pela casa.

Nesta altura, o António assume uma atitude abertamente provocatória. A Ema zangada e desanimada com aquela reação do António, exige que este pare, pois quer brincar em paz. A Raquel fica num crescendo de raiva e vai gritando para que o António pare de atirar bolas, cada vez que ele manda uma. O António, por seu turno, não parava de atirar bolas. P. ecoa que lhe parece que o António está a tirar muito prazer de provocar a Raquel e a Ema, enquanto a Ema não está a achar piada nenhuma, e a Raquel está a ficar profundamente zangada. Como o António não parava, a dada altura, a Raquel, “cega” de raiva, levanta-se que nem um foguete e atira-se quase a correr atrás do António, que se afasta para o lado oposto da sala. Quando chega perto dele, aproxima a sua cara à dele, ficando em bicos dos pés para conseguir estar ao nível da sua cara e agarrando-lhe no colarinho da camisola, grita-lhe na cara ordenando que pare de imediato de atirar bolas, ameaçando que caso não pare a coisa vai correr mesmo mal. O António esboça um sorriso nervoso, aflito com tal atitude, enquanto todos param o que estão a fazer e ficam a olhar perplexos para a Raquel. Nesta altura, P. receia que a Raquel não

aguentasse a raiva e passasse à ação. Perante tal sensação, P. expressa aflição e comenta “*Ai! Ai! Ai! Tanta zanga! Atenção que não se podem magoar! Há regras!*”. Instala-se um silêncio e a Raquel caminha de volta para perto da casa. P. comenta: “*A Raquel parece ter muita raiva dentro dela, pois a Ema também está a levar com as bolas contra a casa, mas não está a reagir assim com tanta raiva e aos gritos. Afinal, o António parece estar a ajudar-te a pôr toda a tua raiva cá para fora... Eu compreendo bem a tua raiva, sei que a tua vida nos últimos tempos mudou muito, tu tens passado por tantas dificuldades que é natural estares zangada com tudo e com todos*”. A Raquel olha espantada para P. e encolhe-se toda sobre ela própria, deixando de “bufar” e remetendo-se ao silêncio, com os cabelos pendurados em frente à cara, a olhar para o chão.

O António senta-se no chão e fica com um semblante triste. De repente, instala-se um grande e pesado silêncio. P. acrescenta que o António também parece estar triste, pois tal como a Raquel, também acabou de perder uma pessoa muito importante na sua vida, o avô. A Ema aflita com o silêncio, e a tristeza do assunto que se estava a abordar, interrompe o silêncio e questiona: “*Porque estamos todos assim, tão calados?*” P. comenta que talvez seja porque estamos a falar dum assunto muito triste. A Ema comenta “*Ainda bem que eu sou feliz!*”, abandonando a casa e dirigindo-se para a mesa, onde tira um papel e faz um desenho. O Gonçalo e a Laura regressam de imediato à brincadeira do início da sessão, de pintar espuma e fazer algodão doce, afastando-se assim os três do António e da Raquel.

O António e a Raquel mantêm-se sentados, a Raquel em frente à casa e o António sentado no chão ao lado da P., do lado oposto da Raquel, mas de frente para a casa. O António, triste, começa a tirar uma a uma a mobília da casa e a atirá-la para fora da casa, para o chão. A Raquel, triste e num silêncio pesado, vai partindo aos pedaços muito pequeninos uns soldados de plástico. P. comenta que compreende a sua raiva mas que ela não pode destruir o material e dá-lhe para as mãos uma bola de papel, sugerindo que ela destrua a bola, desfiando-a em bocadinhos. Entretanto, ela também agarra numa peça de mobília e atira-a ao chão, imitando o António. De repente, um de cada vez, atira uma peça ao chão, em resposta ao ato do outro. Enquanto faziam isto, P. estava sentada entre os dois, de frente para a casa, e foi sentindo que aquela casa, tal como as vidas deles, estava instável e a desfazer-se. Enquanto sente isto, o António começa a abanar mais intensamente e com mais força a casa e a Raquel junta-se a ele. Ambos abanam com força a casa para trás e para a frente até cair toda a mobília. Quando param de o fazer, P. observa uma casa completamente derrubada, com toda a mobília virada do avesso e atirada pelo chão. Comenta que “*Aquilo que está a acontecer à casa parece ser o que está a acontecer às vossas vidas, parece que passou um grande tremor de terra e destruiu tudo*”. Eles ficam silenciosos e de cabisbaixo. Entretanto, acrescenta que enquanto o António e a Raquel estão tristes, os outros parecem entretidos a pintar a espuma. A Ema de imediato diz estar muito feliz, o que à P. pareceu claramente reativo ao medo de ficar como o António e a Raquel. Já o Gonçalo e a Laura

nada comentam, nem tão pouco parecem estar a par do que se estava ali a comunicar entre o António e a Raquel. P. ecoa isso mesmo, referindo que parece que a Ema não gosta nada de coisas que a fazem pensar em tristeza, enquanto o Gonçalo e a Laura, que também parecem não gostar nada de ver aquela tristeza, até parecem se esquecer dela. Como estavam a chegar perto da hora do final da sessão, P. relembra-os disso mesmo e acrescenta que já só têm cinco minutos.

A Raquel mantém-se a desfazer a bola, transformando-a em várias tiras de papel. O António mantém-se silencioso e triste, sentado no chão e encostado contra a parede. A Laura e o Gonçalo pintam a espuma entretidos e a Ema termina o seu desenho.

Quando chegou a hora de sair e P. comenta isso mesmo, a Raquel vira-se para a parede e resiste ao máximo em se mexer. Tanto ela como o António parecem derrotados pelo sofrimento e P. espontaneamente sente vontade de lhes conter aquela angústia e passar a mensagem que estamos todos aqui para ajudar a que estas coisas más que nos acontecem não nos destruam. Em vez de dizer isso, dá um grande abraço e comenta: *“Um abraço à Raquel que está muito triste; outro abraço ao António que também está triste; e um abraço entre todos para dar força”*. Após um abraço coletivo encaminharam-se para a porta onde se despediram e combinaram encontrar-se na próxima semana.

REFLEXÃO ACERCA DESTA EXPERIÊNCIA

Ao ludoterapeuta pertence deixar-se orientar apenas pelo que vê, pelos silêncios, pela dinâmica corporal e pelo simbolismo dos objetos usados; ecoar o que está em cena de modo que a sua atenção se revele como um convite à encenação de sequências livres da imaginação, em que tudo está sempre em movimento. A ludoterapia devolve à criança a iniciativa de conduzir o rumo da comunicação, enquanto o adulto apenas noticia a sua presença ativa. Aquela é enriquecida na situação de grupo que fornece uma caixa-de-ressonância onde cada um se pode olhar, ouvir e experimentar, palpando vários aspetos de si e abrindo espaço para novas construções.

Os primeiros encontros do grupo não foram fáceis, nem de longe gratificantes para a Grupanalista. Ao brincar com crianças não individualmente, mas no contexto de grupo, foi conduzida progressivamente à tomada de consciência de que vários aspetos da intervenção clamavam por mudança ...

Assim, surgiu a passagem duma postura hierarquizada para uma postura integrada e participativa mas igualmente diferenciada.

Então o grupo passou a poder assumir-se como mini-laboratório da vida real, onde todos podiam ensaiar - uns com os outros - modos de ser e de estar (que não eram sempre construtivos, mas que eram necessários à tomada de consciência), de forma a serem encontrados modos de agir e de se produzir mais saudáveis.

Ao passar de comunicações individualizadas para comunicações múltiplas e intercomunicação, trata-se de possibilitar transformações da matriz relacional interna, adentro da matriz grupal⁶ (Leal, 1994; Ferreira, 2014). Na discussão livre flutuante, observam-se fenómenos de ressonância e espelho (Foulkes, 1975) acerca do sentir de cada um ali no grupo e das suas vidas fora do grupo.

Também a palavra passa a assumir mais tempo de antena como forma de expressão das vivências internas. Assim, traz a possibilidade de renovar a codificação do vivido pessoal adentro da matriz grupal ao estabelecer analogias e potenciar a elaboração de relações com figuras significativas fora do grupo.

Apesar das dificuldades e dos momentos de maior desânimo que vão sendo vivenciados ao longo de quatro anos de trabalho psicoterapêutico, de 2011 ao presente, é com orgulho e gratificação que me encontro a partilhar esta história acerca dum grupo de crianças que, apesar de profundamente perturbadas por vivências precoces carregadas de grande sofrimento, parecem continuar a poder acreditar na relação como meio de crescimento.

É com este ideal de as ajudar na elaboração do sofrimento, de se reconstruírem no caminho da autonomização emocional, acreditando nas potencialidades da relação e sem desistir dela, que trabalho, encaminhando-me no sentido de evitar aquilo que Neto (2014: 1) refere: “A não mentalização do sofrimento infantil é fator determinante da psicopatologia relacional ao longo da vida, expressando-se por um espectro fenomenológico que vai desde os “mal-entendidos” às formas mais graves de violência, destruição e psicopatologia.”

BIBLIOGRAFIA

- Bion, W. R. (1991). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Edição original 1962).
- Cortesão, E. L. (2008). *Grupanálise: Teoria e Técnica*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Grupanálise.
- Ferro, S. & Neto, I. (2011). *Grupanálise: Outros olhares sobre o consciente e o inconsciente*. IV Congresso Regional Mediterrânico IAGP/SPP, Porto.

⁶ Leal desenvolveu a ideia de que o processo grupanalítico resulta da ação da matriz grupanalítica sobre a matriz pessoal dos indivíduos, ou matriz relacional interna. Esta vai-se construindo, progressivamente em função das interações que o indivíduo desenvolve em todos os grupos porque passa, desde a díada mãe-criança até aos grupos atuais: família atual, grupo escolar, grupo profissional, grupos de lazer. (Leal, 1994; Ferreira, 2014)

- Ferreira, A. G. (2014). A Evolução da Psicanálise, as Diferentes Abordagens Psicoterapêuticas nela baseada e o Problema da Formação. *Revista Portuguesa de Grupanálise*, 2014, 1-14.
- Foulkes, S. H. (1971). Access to Unconscious Processes in the Group Analytic Group. *Group Analysis*, 4, 4-14.
- Foulkes, S. H. (1984). *Therapeutic Group Analysis*. London: Karnac Books. (Edição original 1964).
- Foulkes, S. H. (1975). *Group Analytic Psychotherapy: Method and Principles*. London: Gordon and Breach.
- Freud, S. (1953). The unconscious. In J. Strachey (Ed. & Trans.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 4). (Texto original publicado em 1915).
- Freud, S. (1955). Beyond the pleasure principle. In J. Strachey (Ed & Trans.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 18). (Texto original publicado em 1920).
- Leal, M. R. M (1983). Why groupanalysis works? Em Malcolm Pines (Ed.), *The Evolution of Groupanalysis* (pp. 183-196). London: Routledge & Kegan Paul.
- Leal, M. R. M. (1966). Groupanalytic Play Therapy with Pre-adolescent Girls. *International Journal of Group Psychotherapy*, XVI (1), 58-64.
- Leal, M. R. M (1994) *Grupanálise. Um percurso. 1963-1993*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Grupanálise.
- Leal, M. R. M. (2010). *Passos na Construção do Eu / Step By Step Constructing a Self*. Lisboa: Fim de Século.
- Neto, I. M. (2014). Psicopatologia Relacional - Os Grupos Grupanalíticos como situações de eleição para o seu diagnóstico e elaboração. *Revista Portuguesa de Grupanálise*, 2014, pp. 1-9.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago editora.